REVISTA DA ABPN

DOI 10.31418/2177-2770.2021.v13.n.35.p271-291 | ISSN 2177-2770
Licenciado sob uma Licença Creative Commons

POPULAÇÃO NEGRA: O IMPACTO DO CORONAVÍRUS – COVID-19, NA BAIXADA FLUMINENSE/RJ

Luís da Silva Cazumbá[1]

Idemburgo Pereira Frazão Félix[2]

Resumo: Este artigo é constituído por algumas reflexões sobre a população negra e tem como tema central a pesquisa do genocídio dessa população. A metodologia utilizada foi a revisão crítica de literatura, a questão sobre a qual nos debruçamos, mais especificamente, destaca aspectos muitas vezes postergados pela sociedade, pelo fato de a mesma uniformizar sua visão sobre o que muitos entendem como aspectos periféricos, portanto, de menor importância para os destinos do país. A partir desta constatação, propomo-nos, neste artigo, refletir sobre o impacto do coronavírus-Covid-19, na vida da população que vive em vulnerabilidades sociais, na Baixada Fluminense. Concluímos que o descaso com a população negra tem como base o racismo, propositado pelo desleixo, abandono e pelo desamparo, isto é, pela indiferença sócio-política de uma parte da nossa sociedade, diante da pandemia da Covid-19 em relação à população negra, que é a maioria absoluta da população em extrema pobreza. Diante das vulnerabilidades sociais em que vive esta população, é imperativo refletir sobre o impacto do coronavírus na vida desta população.

Palavras-chave: População Negra; Baixada Fluminense; Coronavírus-Covid-19; Genocídio.

BLACK POPULATION: THE IMPACT OF THE CORONAVIRUS - COVID-19, IN BAIXADA FLUMINENSE / RJ

Abstract: This article is composed of some thoughts on the black population and has as its main research theme the genocide of the aforementioned. The methodology is bibliographic, the issue we address, more specifically, highlights aspects that are often postponed by society, due to the fact that it unifies its view on what many understand as peripheral aspects, therefore, of less importance for the destinations of the world. Based on that observation this article presents the opportunity to reflect on the impact of Covid-19 on the lives of the inhabitants of the Baixada Fluminense who live in vulnerable conditions. We conclude that the neglect of the black population is based on racism.

[1] Doutorando do Programa e Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO. E-mail: luiscazumba@gmail.com; ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6481-5175

[2] Professor Dr. Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO.

Proposed by neglect, abandonment and helplessness, that is, by the socio-political indifference of a part of our society, in the face of the Covid-19 pandemic towards the black population, which is the absolute majority of the population in extreme poverty. Faced with the hardships this populace has to endure, it is of vital importance to consider the effects of Covid-19 on the lives of those who live.

Keywords: Black Population; Baixada Fluminense; Coronavirus-Covid-19, Genocide.

POBLACIÓN NEGRA: EL IMPACTO DEL CORONAVIRUS - COVID-19, EN BAIXADA FLUMINENSE / RJ

Resumen: Este artículo es constituido por algunas reflexiones de la población negra e tiene como tema central el genocidio de esa población. La metodología es bibliográfica, el tema que abordamos, más concretamente, destaca aspectos que muchas vecesson postergados por la sociedad, debido a que unifica su mirada sobre lo que muchos entienden como aspectos periféricos, por tanto, de menor importancia para los destinos del mundo. A partir de esta constatación, proponemos, reflexionemos sobre el impacto delcoronavirus-Covid-19, en la vida de la población que vive envulnerabilidad social la Baixada Fluminense. Concluimos que el abandono de la población negra se basaenel racismo. Propuesta por el abandono, el abandono y el desamparo, es decir, por la indiferencia sociopolítica de una parte de nuestra sociedad, ante la pandemia del Covid-19 hacia la población negra, que es la mayoría absoluta de la poblaciónen extrema pobreza. Delante de las vulnerabilidades sociales, imperativo reflexionemosel impacto Del coronavirus en la vida de esa población.

Palabras-clave: Población Negra; Baixada Fluminense; Coronavirus-Covid-19; Genocidio.

POPULATION NOIRE: L'IMPACT DU CORONAVIRUS - COVID-19, À BAIXADA FLUMINENSE / RJ

Résumé: Cet article se compose de quelques réflexions sur la population noire et a pour thème central la recherche du génocide de cette même population. La méthodologie est bibliographique, la question que nous abordons, plus spécifiquement, met en évidence des aspects souvent reportés par la société, du fait qu'elle unifie sa vision sur ce que beaucoup entendent comme des aspects périphériques, donc moins importants pour le Parents. Sur la base de cette observation, nous proposons, dans cet article, de réfléchir à l'impact du coronavirus-Covid-19, dans la vie de la population qui vit dans des vulnérabilités sociales, dans la Baixada Fluminense. Nous concluons que la négligence de la population noire est basée sur le racisme, voulu par la négligence, l'abandon et l'impuissance, c'est-à-dire par l'indifférence sociopolitique d'une partie de notre société, face à la pandémie Covid-19 vis-à-vis de la population noire , qui est la majorité absolue de la population en situation d'extrême pauvreté. Compte tenu des vulnérabilités sociales dans lesquelles vit cette population, il est impératif de réfléchir à l'impact du coronavirus sur la vie de cette population.

Mots-clés: population noire; Baixada Fluminense; Coronavirus-Covid-19; Génocide.

INTRODUÇÃO

Este artigo é constituído por algumas reflexões cuja temática central é o genocídio da população negra. A questão sobre a qual nos debruçamos, mais especificamente, destaca aspectos muitas vezes postergados pela sociedade, por uniformizar sua visão sobre o que muitos entendem como aspectos periféricos, portanto, de menor importância social.

O artigo é construído de forma interdisciplinar - com dados quantitativos e qualitativos -, sem a qual ele não existiria, pois, se fosse escrito com uma visão disciplinar, a sua abordagem e abrangência estariam comprometidas, devido à complexidade da realidade racial brasileira. Devido a uma característica peculiar da nossa sociedade - na qual segundo a PNAD[3] do IBGE, referente ao segundo trimestre de 2019, temos: 47,7% da população de cor parda; 8,9% de cor preta, e, 42,3% de cor branca - é contrastante a desigualdade entre tais segmentos, no que diz respeito às oportunidades, não apenas no que diz respeito à economia.

A escrita se deu com base no diálogo interdisciplinar, pois o racismo em nossa sociedade tem uma complexidade que a interdisciplinaridade nos permite enfrentar, analisar e compreender em maior profundidade. O objetivo central é refletir sobre o impacto do coronavírus na vida da população que vive em vulnerabilidades sociais, na Baixada Fluminense. Partimos da seguinte reflexão de David Harvey "[...] o progresso da COVID-19 exibe todas as características de uma pandemia de classe, de gênero e de raça" (HARVEY, 2020, p. 21).

A POPULAÇÃO NEGRA E A COVID-19

Ampliando a problemática apontada por Harvey, devemos refletir sobre as seguintes questões fundamentais, no caso brasileiro: O Sistema Único de Saúde – SUS, no Brasil diante do coronavírus (Covid-19), encontra-se em condições de atender a população? Principalmente a população negra, e pobre, sendo a maioria absoluta da população em extrema pobreza, como fica esta população diante da pandemia do coronavírus, e da extrema pobreza?

O Conselho Nacional de Assistência Social, na VIII Conferência Nacional de Assistência Social, considerando que "de acordo com os dados do Censo de 2010 do

[3] Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Segundo Trimestre de 2019.

IBGE, a população extremamente pobre é negra (71%), localizada nas regiões Norte e Nordeste (75%) [...]" (CNS, 2011, p. 5). Afirma,

> "[...] a pobreza atende por diversos nomes: insuficiência de renda; acesso precário à água, energia elétrica, saúde e moradia; baixa escolaridade, insegurança alimentar e nutricional; formas precárias de inserção no mundo do trabalho [...] a miséria tem nome, endereço, cor e sexo [...]" (CNS, 2011, p. 5).

Esta constatação, apresentada em 2011, explicita o racismo, pelo perfil racial da população que sobrevive com renda insuficiente, insegurança em vários níveis e sentidos; mal alimentada, desnutrida, com escolaridade baixa, acesso precário à água, energia elétrica, trabalho, moradia e saúde. Esta é a população que se encontra em vulnerabilidade social, com os maiores riscos de ser contaminada pelo coronavírus-Covid-19. Diante desta realidade, neste artigo o racismo é entendido como uma estrutura que naturaliza as desigualdades raciais, mantendo a população negra na extrema pobreza (GUIMARÃES, 2004).

> Chama-se ainda de racismo o sistema de desigualdades de oportunidades, inscritas na estrutura de uma sociedade, que podem ser verificadas apenas estatisticamente através da estrutura de desigualdades raciais, ou seja na educação, na saúde pública, no emprego, na renda, na moradia etc. (GUIMARÃES, 2004, p. 18).

A partir destas constatações, torna-se fundamental conhecermos o perfil por raça/cor tanto dos infectados, como dos mortos pelo coronavírus-Covid-19, devido a população negra encontrar-se em vulnerabilidade social, principalmente a que vive nas periferias e favelas, em especial as da Baixada Fluminense. Segundo Mike Davis (2020), a gripe espanhola, devido à escassez de alimento levou a população pobre e desnutrida do Punjab, e de Bombaim, como de outras partes da Índia, a ser a maior de todas as vítimas, devido à "[...] desnutrição – que suprimiu sua resposta imunológica à infecção e produziu uma inflamação bacteriana, bem como uma pneumonia viral" (DAVIS, 2020, p. 7). Diante desta afirmação de Davis (2020), podemos inferir que, no Brasil, as periferias, favelas, como na Baixada Fluminense, serão lugares nos quais o impacto do coronavírus com a extrema pobreza será devastador para a população negra e pobre, como aconteceu com a gripe espanhola nos bairros pobres e populosos da Índia, como na África e no Sul da Ásia (DAVIS, 2020, p. 7).

> "[...] as consequências desconhecidas das interações com a desnutrição e as infecções existentes – deveria advertir-nos que a COVID-19 pode tomar um caminho diferente e mais mortal nos bairros de lata densos e doentes da África e do Sul da Ásia. Com casos que agora aparecem em Lagos, Kigali, Addis Abeba e Kinshasa, ninguém sabe (e não saberá por muito tempo devido à ausência de testes) como pode interagir com as condições de saúde e as doenças locais" (DAVIS, 2020, p. 7).

Diante da nossa realidade concreta, o que chamamos vulnerabilidade social neste artigo são as péssimas condições de vida da população negra, devido à negligencia do Estado Brasileiro.

> A definição de Vulnerabilidade Social (IVS), construído a partir de indicadores do Atlas do Desenvolvimento Humano (ADH) no Brasil, procura dar destaque a diferentes situações indicativas de exclusão e vulnerabilidade social no território brasileiro, numa perspectiva que vai além da identificação da pobreza entendida apenas como insuficiência de recursos monetários. (IPEA, 2015, p. 12).

Diante dessa realidade, é primordial refletirmos sobre o impacto da pandemia do coronavírus na Baixada Fluminense, o qual ocorreu oficialmente, no Brasil, pela primeira vez em 26 de fevereiro de 2020. Estamos, no momento em que este artigo é escrito, no dia 08-05-2020, com um total de infectados pela COVID-19, de 135.106 casos confirmados, e, referentes ao dia 07-05, 9.146 mortes, e com uma letalidade de 6,8%, segundo dados do Ministério da Saúde[4]. No dia 27-04-2020, tínhamos, segundo o Ministério da Saúde, 66.501 casos confirmados de pessoas infectadas, com 4.503 mortos pela covid-19, e com uma taxa de letalidade de 6,8%. No dia 26-03, um mês depois do primeiro infectado pela Covid-19, o total de pessoas infectadas era de 2.555, com mais de 60 mortos no Brasil, segundo notícia publicada no dia 26-03-2020, do Jornal Online G1[5],com o título: **"1 mês de coronavírus no Brasil: compare a situação do país com China, Itália, EUA e Coréia do Sul no mesmo período da epidemia".** Afirma, ainda, o Jornal Online G1, "A confirmação do primeiro caso do novo coronavírus (Sars-CoV-2) no Brasil completa um mês nesta quinta-feira (26). Desde aquele registro inicial, o país chegou a mais de 2,5 mil infectados e ultrapassou a marca de 60 mortos, de acordo com as secretarias estaduais de Saúde". Diante dessa realidade da pandemia do coronavírus no Brasil, podemos inferir que apesar de ter infectado, no início, a população da classe média e a

[4]Os dados foram coletados no dia 07-05-2020, no site do Ministério da Saúde.
[5]A integra desta reportagem e de outras, encontram-se no link, na referência.

classe média alta e branca, quem mais será devastada com o coronavírus no Brasil, caso não sejam tomadas providências cabíveis, será a população negra, idosa e pobre, principalmente a das periferias e favelas do Brasil (DAVIS, 2020).

No dia 29-03-2020, o Jornal Online G1 noticia, **"Brasil tem 136 mortes e 4.256 casos confirmados de coronavírus, diz ministério".** Segundo a reportagem, já temos no Brasil, 4.256 casos confirmados, com 136 mortos, o que dá uma taxa de letalidade de 3,2%. Três dias antes, isto é, no dia 26-03, tínhamos 60 mortos; no dia 29-03, os mortos eram de 136 devido ao coronavírus.

> O estado de SP concentra 1.451 casos e o RJ, 600.O balanço acrescentou 22 mortes ao total. No balanço do dia anterior, o Brasil tinha 114 mortes. Isso representa um aumento de 19% no número de mortes. O domingo teve o mesmo acréscimo em número de mortes do sábado, em que também houve 22 vítimas a mais. São os dois dias com mais registros de mortes no Brasil pelo novo coronavírus até agora. O número de casos confirmados aumentou em 352 no balanço deste domingo. Até o dia anterior, eram 3.094 confirmados. O aumento do número de casos foi de 9%. O aumento de casos foi menor do que o de sábado, quando foram 487 novas confirmações. A taxa de letalidade subiu de 2,8% até o sábado para 3,2% neste domingo. Entre as 136 mortes, 98 aconteceram no estado de São Paulo. Houve um aumento de 14 mortes em SP no balanço deste domingo. Os números consideram as pessoas cujos resultados dos testes já foram apresentaram e testaram positivo. O número não considera casos suspeitos. (O GLOBO JORNAL ONLINE G1, dia 29-03-2020).

A população vulnerável - entre as quais encontra-se a população idosa, que são esquecidas, em nossa sociedade, nas políticas sociais públicas, como se pode observar nas pesquisas, a idosa é a mais vulnerável. Segundo a ABRASCO[6], um artigo publicado em 31-03-2020, intitulado "Pandemia da Covid-19 e um Brasil de desigualdades: populações vulneráveis e o risco de um genocídio relacionado à idade", explicita que a nossa sociedade é hedonista e preconceituosa contra as pessoas que envelheceram.

> A Pandemia da Covid-19 não irá afetar a todos da mesma maneira. Vai passar, mas deixará rastros profundos. O que já se sabe é que a maior parte dos casos graves e óbitos da pandemia em todo o mundo ocorrem em idosos. Como nos aponta o Prof. Alexandre Kalache, do Centro Internacional de Longevidade do Brasil (ILC), isso não tem sido suficiente para que os governos constituam políticas de proteção social aos idosos, que há muito deveriam ter sido efetivadas. Vários planos de contingenciamento estão deixando de fora as populações de maior vulnerabilidade, incluindo não só os idosos e reforçando o fluxo de

[6]A reportagem na íntegra encontra-se no link na referência.

> exclusão de uma sociedade hedonística, que cultua a "juventude eterna", tão preconceituosa contra aquele que envelheceu (ABRASCO, 2020).

Diante desta realidade, percebemos a relevância de discutir e refletir sobre o impacto do coronavírus na vida da população negra, propiciando a criação de um panorama nacional, em termos amplos e da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, mais especificamente, diante do coronavírus, pois os Estados com maiores números confirmados de coronavírus, até o presente momento são, São Paulo e Rio de Janeiro.

Analisando o impacto do coronavírus na realidade dos Estados Unidos da América, Davis (2020), faz uma análise lúcida, diante da pandemia do coronavírus. Ficou explícita a marca das desigualdades raciais. Quem pode pagar um plano de saúde privado? Quem pode trabalhar em casa no isolamento social, preservando a sua saúde e dos seus familiares? Quem, afinal, além dos médicos e trabalhadores da saúde em geral, terá que colocar a vida, necessariamente em risco, para poder sobreviver, em condições precárias? Quem, efetivamente, terá que colocar sua vida e de seus familiares em risco? As respostas são óbvias, mas nem sempre movem as elites governantes.

Diante desse quadro, é Harvey (2020) quem desvela quais são as características dos trabalhadores que não podem trabalhar em casa, mostrando que "a força de trabalho", de quem se espera que auxilie na salvação de numerosos doentes, é "[...] sexista, racializada e etnizada, em grande parte do mundo" (HARVEY, 2020, p. 21). Com uma lucidez ímpar, sobre a realidade concreta, afirma Harvey (2020), sobre o coronavírus, que a evolução devastadora da COVID-19 aponta para inúmeras "[...] características de uma pandemia de classe, de gênero e de raça" (HARVEY, 2020, p. 21). Parece que as elites dominantes, que gerenciam as atitudes governamentais, na atualidade, têm objetivos específicos para a população negra, pobre, mulheres e latinos. São motivações sinistras de acordo com Harvey (2020).

> Embora os esforços de mitigação estejam convenientemente camuflados na retórica de que 'estamos todos juntos nisto', as práticas, particularmente por parte dos governos nacionais, sugerem motivações mais sinistras. A classe trabalhadora contemporânea nos Estados Unidos (composta predominantemente por afro-americanos, latinos mulheres assalariados) enfrenta a desagradável escolha da contaminação em nome do cuidado e da manutenção de elementos-chave de provisão (como supermercados) abertos ou do desemprego sem benefícios (como cuidados de saúde adequados) (HARVEY, 2020, p. 21-22).

As mortes devido à pandemia do coronavírus, que hoje são de centenas de pessoas, até a presente data, não têm explicitado o perfil da vítima nas pesquisas, por raça/cor, sexo, idade, renda e trabalho, de forma a saber quais são os impactos do coronavírus nesses grupos no Brasil, levando em consideração a raça/cor (HARVEY, 2020). Sabe-se que a população idosa, no Brasil, trabalha, muitas vezes, como doméstica, como o caso da doméstica de 63 anos, contaminada pela patroa que veio da Itália. O caso foi noticiado no dia 19 de março de 2020, pelo Jornal online G1, com o título: "**Governo do RJ confirma a primeira morte por coronavírus**"**:** A matéria jornalística informava:

> A Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro e a prefeitura da cidade de Miguel Pereira confirmaram, na manhã desta quinta-feira (19), a primeira morte por coronavírus no estado. A vítima é uma empregada doméstica de 63 anos que tinha diabete e hipertensão. Ela teve contato com a patroa, que esteve na Itália e estava com a doença.

As pesquisas, os noticiários jornalísticos e a mídia como um todo, preferem ocultar a realidade concreta da população, pois não interessa ao mercado financeiro explicitar a realidade sobre o perfil das vítimas do coronavírus. O mercado possui seu discurso próprio e defende sempre suas causas. Por isso, temos de ver mais além, pois o mercado - como se pode perceber, pelas atitudes dos governos que se organizam a partir de parcerias, explícitas, ou não com as elites dominantes - é o que importa. Por esse prisma, a vida da população fica em segundo plano, principalmente a vida da população negra (ZIZEK, 2020).

> Outro fenômeno estranho que pode ser observado nesta situação é o retorno triunfante do animismo capitalista, ou seja, tratar fenômenos sociais, como mercados ou capital financeiro, como se fossem organismos vivos. Se você ler a grande mídia, a impressão que você tem é que são os "mercados ficando nervosos" que deveriam nos preocupar, e não os milhares de pessoas que morreram e os milhares que ainda não morreram. (ZIZEK, 2020, p. 46-47).

Esta afirmação de Zizek (2020), citada acima, está de acordo com a nossa realidade concreta. E esta dispõe, explicitamente ou não, que os acontecimentos e atitudes interpessoais não olvidam a problemática racial. A cor da pele é um fator distintivo, por mais que muitos tentem disfarçar; é marcante, em nossa sociedade, o costume de considerar o negro um cidadão de segunda categoria e, o que é mais perigoso, negar isso. Mesmo diante do explícito perigo dos assassinatos da população negra e pobre (IPEA,

2019), por motivos óbvios relacionados exatamente aos descasos sociais e políticos que marcam o próprio cotidiano de penúrias dessas populações, o desleixo permanece. Munanga (2012), analisando o racismo e os mecanismos de discriminação racial na África do Sul, no período do apartheid, como nos Estados Unidos, Europa, América do Sul, e especificamente no Brasil (MUNANGA, 2012), assevera:

> "[...] o racismo é um fato que confere à raça sua realidade política e social. Ou seja, se cientificamente a realidade da raça é contestada, política e ideologicamente esse conceito é muito significativo, pois funciona como uma categoria de dominação e exclusão nas sociedades multirraciais contemporâneas observáveis. Em outros termos, poder-se-ia reter como traça fundamental próprio a todos os negros (pouco importa a classe social) a situação de excluídos em que se encontram em nível nacional. Isto é, a identidade do mundo negro se inscreve no real sob a forma de 'exclusão'. Ser negro é ser excluído." (MUNANGA, 2012, p. 15-16).

A indiferença e os desleixos governamentais em relação às causas raciais fizeram com que a Anistia Internacional criasse a Campanha Queremos ver os jovens vivos[7]. "30 mil jovens por ano são assassinados no Brasil. Mais chocante que essa realidade, só a indiferença." Isso se deve à insensibilidade de uma parte da nossa sociedade, diante das mortes das pessoas negras, que são noticiadas nos telejornais sensacionalistas, que desumanizam a população negra, pois,

> "[...] a violência no Brasil não seja uma ação unívoca, mas fruto de conflitos diversos que a depender do território estão mais presentes e acirrados, o papel da mídia sensacionalista, muitas vezes, é o grande responsável pela propagação de determinados estereótipos que são associados aos jovens negros, ao insistir em vinculá-los apenas as notícias de barbárie e assassinatos" (PEREIRA; RODRIGUES; NUNES; JÚNIOR; FREITAS; FERRAZ; MARQUES & GONÇALVES, 2019, p. 328-329).

Esta indiferença, em relação à população negra, está presente nas covas dos mortos pelo coronavírus, indiferença silenciosa diante das mortes das pessoas negras pelo coronavírus, tendo em vista que, no dia 30 de março de 2020, o Ministério da Saúde divulgou que temos: 4.579 casos confirmados de coronavírus (Covid-19) no Brasil, 159 óbitos e com uma taxa de letalidade de 3,5%. No dia 03 de abril do corrente ano, o Ministério da Saúde divulgou que temos: 9.056 casos confirmados de coronavírus, 359 óbitos, e uma

[7]O vídeo da campanha está Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=u747pzxJLf0>. Acesso em: 03 abr. 2020.

taxa de mortalidade de 4,0%, sem divulgar o perfil dos infectados como dos mortos pela Covid-19. Diante desses dados, a pandemia do coronavírus no contexto brasileiro, ensina aos nossos governantes que o saneamento básico é fundamental, como condições de vida dignas para toda a população (BIHR, 2020).

> "O que esta pandemia nos lembra, mais do que nos ensina, é o que muitos outros estudos epidemiológicos anteriores nos ensinaram nas décadas anteriores, e que foram negligenciados por aqueles que a deveriam ter levado em conta em primeiro lugar, os irresponsáveis que nos governam [...]" (BIHR, 2020, p. 26).

Apontamos, aqui, para a vulnerabilidade social em que se encontram grupos sociais periféricos, diante da pandemia do coronavírus, e o sucateamento do SUS. Percebe-se que este não recebeu o investimento necessário, e vem passando por um processo de precarização e sucateamento, devido a uma política neoliberal que não dará conta de atender esta população (BIHR, 2020).

> "[...] o hospital público é vítima de políticas de estrangulamento financeiro, tornando-o cada vez menos capaz de cumprir as suas tarefas e acolhimento e cuidado dos pacientes; mas que também é vítima de uma medicina liberal [...] forçando os prestadores de cuidados a separar os pacientes de acordo com sua expectativa de sobrevivência" (BIHR, 2020 p. 26).

Como proteger a saúde dos moradores das periferias, favelas e da Baixada Fluminense, com a precarização do SUS? Como conter o contágio do coronavírus, nesses territórios, quando os moradores não têm saneamento básico e não têm cômodos específicos para o isolamento dos doentes, além de não possuir acessórios mais simples como máscaras e, principalmente, não ter água encanada? (TRATA BRASIL, 2020). Como ficam os moradores das periferias, favelas e da Baixada Fluminense, enquanto trabalhadores, diante da precarização do trabalho, ficam sem direitos sociais? Harvey (2020), nos ajuda a refletir sobre esta realidade.

> Esta "nova classe trabalhadora" está na vanguarda e suporta o peso de ser a força de trabalho que corre maior risco de contrair o vírus através de seus empregos ou de ser demitida injustamente por causa da retração econômica imposta pelo vírus. Há, por exemplo, a questão de quem pode e quem não pode trabalhar em casa. Isto agrava a divisão social, assim como a questão de quem pode se isolar ou ficar em quarentena (com ou sem remuneração) em caso de contato ou infecção. Exatamente da mesma forma que aprendi a chamar os terremotos da Nicarágua (1973) e da Cidade do México (1995) de "terremotos de classe", assim o

> progresso da COVID-19 exibe todas as características de uma pandemia de classe, de gênero e de raça. Embora os esforços de mitigação estejam convenientemente camuflados na retórica de que "estamos todos juntos nisto", as práticas, particularmente por parte dos governos nacionais, sugerem motivações mais sinistras. A classe trabalhadora contemporânea nos Estados Unidos (composta predominantemente por afro-americanos, latinos e mulheres assalariadas) enfrenta a desagradável escolha da contaminação em nome do cuidado e da manutenção de elementos-chave de provisão (como supermercados) abertos ou do desemprego sem benefícios (como cuidados de saúde adequados). Assalariados (como eu) trabalham em casa e recebem seu pagamento como antes, enquanto os CEOs voam em jatos e helicópteros particulares. (HARVEY, 2020, p. 21-22).

Consideramos pertinente refletirmos através do diálogo interdisciplinar, isto é, dialogarmos interdisciplinarmente com dados quantitativos e qualitativos, para compreendermos a realidade racial brasileira concreta, diante da complexidade do impacto do coronavírus. Devido ao tamanho do território e da população brasileira, os dados quantitativos são fundamentais para análise sobre os impactos do coronavírus na vida da população, principalmente da população negra, que será a mais impactada pelo coronavírus-Covid-19 (BIHR, 2020).

> Tanto a propagação do vírus responsável por esta pandemia como as medidas desigualmente eficazes tomadas pelos Estados para proteger as suas populações provam, se necessário, que a saúde é, antes de mais nada, um bem público: que o estado saudável ou mórbido do corpo de cada pessoa depende em primeiro lugar do estado saudável ou mórbido do corpo social, do qual o primeiro é dependente ou um simples apêndice, e da capacidade ou não do referido corpo social se defender, por si ou através das suas instituições políticas, contra fatores patogênicos, em particular desenvolvendo um sistema de assistência social eficiente e uma política de saúde pública que proporcione ao segundo os meios necessários e suficientes (humanos, materiais, financeiros). (BIHR, 2020, p. 285).

De acordo com a Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro, o Estado registrou, até o dia 07/04, 1.688 casos confirmados e 89 óbitos por coronavírus (Covid-19), e que tem ainda 78 óbitos em investigação, para saber se estes óbitos foram causados pelo coronavírus, sendo que no dia 31 de março, o Jornal Online Extra, noticiou a seguinte reportagem "**Mais jovem morta por coronavírus no estado, com 32 anos, vendedora de doces de Rio Bonito deixa três filhos**". "Uma mulher negra de 32 anos, pobre que não tinha um trabalho formal, isto é, de carteira assinada, dependia do SUS. Segundo o Jornal Online Extra, "No dia 8, a ambulante começou a se sentir mal e foi medicada na Unidade de Pronto-Atendimento da cidade. Dois dias depois, com febre, dores no corpo e muita falta de ar,

foi internada no dia 10 no Hospital Regional Darcy Vargas, unidade de saúde filantrópica da cidade."

Figura 1

Fonte: Jornal Extra Online, 2020.

Diante desta realidade concreta, sobre os impactos do coronavírus na vida da população, principalmente da população negra, devemos refletir sobre os cidadãos e cidadãs mortos pelo coronavírus, no Brasil, nas periferias, nas favelas como as da Baixada Fluminense, e a ausência de intervenções estatais nesses territórios vulneráveis, para proteger a vida dessas populações (HARVEY, 2020). Refletir sobre o impacto da Covid-19 na Baixada Fluminense é o que faremos na próxima seção.

BAIXADA FLUMINENSE E A COVID-19: UMA TRAGÉDIA ANUNCIADA?

Um dos impactos da Covid-19, na vida da população negra e pobre, é a quantidade de mortos, principalmente nas periferias e favelas, locais nos quais residem a população negra e pobre. Esta é a realidade ocultada pelas mídias brasileiras. No dia 02-04-2020, o Jornal online Veja Abril, noticiou uma reportagem com o título: Covas abertas em cemitério de SP viram destaque no 'Washington Post'.

> A alta movimentação por enterros no cemitério da Vila Formosa, que é o maior da América Latina e fica localizado na zona leste de São Paulo, foi destaque no jornal americano *The Washington Post*, nesta quinta-feira, 2, que publicou imagem de dezenas de covas abertas para receber vítimas fatais do coronavírus. Na legenda da foto, o jornal lembrou que Jair Bolsonaro já tratou a doença como uma "fantasia".Diante do aumento de mortes em decorrência do coronavírus na capital paulista, que concentra o maior número de casos confirmados e de óbitos

> no país, os cemitérios na cidade têm corrido contra o tempo para sepultar as vítimas.

Abaixo encontram-se as covas abertas, que fazem lembrar um campo de concentração nazista.

COVAS ABERTAS EM CEMITÉRIO DE SP VIRAM DESTAQUE NO 'WASHINGTON POST'

Figura 2

The Washington Post | 2 Apr 2020

ANDRE PENNER/ASSOCIATED PRESS

Cemetery workers in protective suits carry out a burial in São Paulo, Brazil. Many Southern Hemisphere countries that were slow to respond to the novel coronavirus have stepped up their efforts, but Brazil's president has called his country's outbreak a "fantasy."

Contagion could crush developing world

Experts fear what covid-19 will do in nations left vulnerable by marginal health care, deep poverty

BY ANTHONY FAIOLA, SUDARSAN RAGHAVAN,

outbreak a "fantasy," numbers are skyrocketing.

handle it at a time when wealthy countries are likely to be too pre-

places like Mumbai, Rio de Janeiro and Monrovia," said Ashish

Fonte: Jornal Veja Abril *Online, 2020.*

"Maior da América Latina, cemitério da Vila Formosa virou destaque na capa do jornal por causa da quantidade de covas abertas"

Esta é a discussão que propomos, explicitada anteriormente, que refletirá sobre a vulnerabilidade social, isto é, a realidade concreta na Baixada Fluminense /RJ. Isso se dá pela gravidade do número de pessoas infectadas pelo coronavírus, bem como sua propagação, que vem crescendo no Brasil. Considerando a rapidez e a forma de contágio pelo coronavírus, o saneamento básico precário e a ausência do Estado potencializam a propagação da Covid-19. Por isso, é fundamental refletirmos sobre a realidade racial concreta, e de como o coronavírus está atingindo os grupos vulneráveis da Baixada Fluminense, uma região abandonada pelo Estado (HARVEY, 2020).

No dia 06-04-2020, o Jornal Online Extra notícia **"Mesmo com aumento no número de mortes, cidades da Baixada Fluminense registram aglomerações"**.

O descaso dos governantes, com os moradores da Baixada Fluminense, fica evidente com as reclamações dos moradores, diante do abandono dos moradores da Baixada Fluminense pelos governos federal, estadual, e principalmente municipal.

Segundo o Jornal Extra.

> No fim de semana em que o número de mortes pelo **novo coronavírus** cresceu na **Baixada Fluminense**, com a confirmação de um total de nove óbitos, houve registro de aglomerações em bairros de municípios da região onde moradores reclamam da falta de testes para confirmar o diagnóstico da doença.

A Baixada Fluminense é composta por 13 municípios. Duque de Caxias é o município dentre os 13, com maior número de mortos pelo coronavírus – Covid-19. A Baixada sempre foi abandonada pelos governos federal, estadual, e pelas respectivas prefeituras. Farias[8] (2020), fazendo uma análise sobre o impacto do coronavírus-Covid-19 na Baixada Fluminense, permite compreender porque Duque de Caxias, como veremos no decorrer deste artigo, é o município com maior número de mortos pelo coronavírus-Covid-19, devido ao descaso (FARIAS, 2020). Segundo ele,

> Entre os municípios de maior população na Baixada Fluminense, Nova Iguaçu, com população estimada em 821 mil habitantes, teve decreto municipal expedido a favor do isolamento divulgado em 22 de março. Já em Duque de Caxias, com população estimada em 919 mil habitantes, o decreto municipal só foi divulgado em 3 de abril, após a declaração do primeiro óbito no município. Ainda assim, o prefeito de Duque de Caxias, relutou em fechar o comércio e, mesmo depois de editar o decreto, diferentemente da determinação estadual, fez questão de enfatizar que as igrejas ficariam abertas, pois ajudariam na cura da Covid-194.

Esta atitude de divulgar o decreto, só após a divulgação no dia 03-04, do primeiro óbito pela Covid-19, tem uma consequência fatal para a população, pois o município de Duque de Caxias é o segundo em números de mortos pela Covid-19, ficando atrás só da capital, Rio Janeiro. O decreto nº 7.546, de 31 de março de 2020, visa conter a proliferação do Coronavírus- Covid-19 no município e evitar um alto índice de morte. O decreto no seu capítulo I, artigo 1º, estabelece:

> Art. 1º Este Decreto estabelece novas medidas temporárias de prevenção ao contágio e de enfrentamento da emergência em saúde pública de importância internacional, decorrente do novo coronavírus, vetor da COVID-19, bem como reconhece a manutenção da situação de emergência no âmbito do Município de Duque de Caxias por tempo indeterminado.

[8]Heitor Soares Farias é Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (2012). Atualmente é professor Adjunto do Departamento de Geografia (DGG) e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Esta demora em decretar o distanciamento social e a divulgação do decreto tem um impacto mortal da Covid-19, na vida da população, mas, segundo Farias (2020), o prefeito afirmou que a cura da Covid-19 viria pela igreja. Esta pode ser uma das causas da demora do decreto entrar em vigor. As consequências são trágicas para a população do município. Em matéria do dia 24-04, o Jornal O Dia, noticia que o "**Cemitério de Duque de Caxias recebe contêiner frigorífico para armazenar corpos:** Concessionária registrou aumento de 37% no número de enterros na cidade". Percebemos que a demora de decretar o isolamento social ou distanciamento social está tendo um impacto mortal para a população de Duque de Caxias. Segundo o Jornal O Dia:

> Duque de Caxias - Com um aumento de 37% no número de enterros, entre os meses de março e abril deste ano, se comparado com o mesmo período do ano passado, a AG-R, concessionária que administra os cinco cemitérios de Duque de Caxias, instalou um contêiner com câmara frigorífica, no Cemitério Tanque do Anil, no bairro Beira-Mar. Instalado ao lado do Instituto Médico Legal (IML) da cidade, ele será utilizado para conservar corpos de mortos com suspeita de Covid-19 até que os cadáveres sejam retirados para os respectivos enterros.

Figura 3

Fonte: Jornal O Dia Online, 2020.

Cemitério de Duque de Caxias recebe contêiner frigorífico

No dia 25-04 é a vez do Jornal Extra, que explicita que há cadáveres nos corredores do necrotério do Hospital Municipal de Duque de Caxias, uma tragédia anunciada, devido ao abandono da população pelas autoridades, que devem proteger a saúde da população. Outra notícia do Jornal Extra Online **"Necrotério do Hospital Moacyr do Carmo, em Caxias, tem cadáveres acumulados; há corpos até nos corredores"**

> A situação é tão caótica que há corpos até nos corredores. As informações foram confirmadas nesta tarde pela prefeitura de Caxias. Pelo menos 12 corpos estão no corredor próximo ao necrotério, que tem capacidade para 25 cadáveres e fica no

> subsolo do hospital. De acordo com a prefeitura, os cadáveres são de vítimas da Covid-19. O mau cheiro, segundo servidores, já pode ser sentido de outros corredores de acesso. Os corpos seriam de pessoas cujas famílias não têm condições de arcar com o sepultamento.

Figura 4

Fonte: Jornal Extra Online, *2020.*

Necrotério do Hospital Municipal Moacyr do Carmo, em Duque de Caxias, com cadáveres acumulados

Diante do impacto do Coronavírus – Covid-19, na Baixada Fluminense, no dia 27 de abril de 2020, foi divulgado o seu "O boletim epidemiológico sobre os números de casos de Coronavírus no município de Duque de Caxias, atualizado nesta segunda-feira, 27/04: 496 casos suspeitos notificados; 292 casos descartados; **319** casos confirmados e **67** óbitos.", enquanto nos municípios da Baixada Fluminense, segundo o Jornal Extra Online, no dia 06-04: "**Coronavírus: Baixada Fluminense registra 75% de aumento em casos de Covid-19"**

> Com uma população estimada de mais de 3,8 milhões de habitantes, a Baixada Fluminense registrou 75% de aumento de casos de coronavírus, entre sábado e esta segunda-feira, passando de 56 para 98 o número de confirmações da doença. As mortes por conta da Covid-19 aumentaram 25% na região, dando um salto no mesmo período, de oito para dez falecimentos. A situação pode piorar ainda mais. E que a região conta, atualmente, com menos de cem leitos municipais de isolamento para atender pacientes que apresentam sintomas do mal. Em quatro cidades — Seropédica, Mesquita, Japeri e Paracambi — não há um único leito deste tipo sequer, enquanto em Guapimirim há apenas um.

As análises sobre a Baixada Fluminense do dia 16-04, por Alexandre Fortes e Leandro Dias de Oliveira[9], já explicitavam quais seriam os impactos da Covid-19 na

[9]Segundo os professores: Alexandre Fortes, Departamento de História, IM/UFRRJ e Leandro Dias de Oliveira, Departamento de Geografia, UFRRJ, "No Brasil, um grupo de especialistas de diversas instituições avalia que o número real de infectados deveria estar na casa dos 82 mil no dia 07 de abril, quando o registro oficial contabilizava cerca de 12 mil. Ou seja, o número real deve ser cerca de sete vezes

Baixada, impactos que chamaram de Tsunami, e asseveram "é fundamental que todos os atores sociais, com melhor acesso a informações científicas consistentes e confiáveis, contribuam para alertar a população e as autoridades sobre os riscos que se abatem sobre o Brasil em geral e sobre a Baixada Fluminense em particular." Diante da tragédia que se anuncia, colocamos os dados dos infectados e os mortos pela Covid-19 na tabela 1, os dados foram divulgados no dia 27-04. e na tabela 2, os dados divulgados no dia 28-04, para que possamos refletir sobre as famílias que foram destruídas pela negligência do Estado, em relação à Baixada Fluminense, que tem 64% de sua população negra (IBGE, 2010).

Tabela 1: Números de infectados e mortos pela Covid-19 por Município da Baixada Fluminense, divulgado no dia 27-04-2020.

Município	Infectados	Mortos
Duque de Caxias	**300**	**63**
Nova Iguaçu	310	24
Belford Roxo	146	8
São João de Meriti	128	10
Magé	66	5
Mesquita	132	10
Nilópolis	50	3
Queimados	44	3
Itaguaí	24	3
Japeri	23	1
Seropédica	9	0
Guapimirim	5	0
Paracambi	17	1
Baixada Fluminense	**1254**	**131**

Fonte: PPGIHD-UFRRJ.

Tabela 2: Números de infectados e mortos pela Covid-19 por Município da Baixada Fluminense, divulgado no dia 28-04-2020.

Município	Infectados	Mortos
Duque de Caxias	**337**	**68**
Nova Iguaçu	327	26
Belford Roxo	158	8

maior do que indicam as estatísticas. Em São Paulo, o número de enterros realizados nos cemitérios já cresceu numa proporção muito superior à dos casos confirmados de COVID-19. Esses números, por um lado, podem gerar uma percepção de uma letalidade muito superior à real, já que apenas pacientes graves e mortos são testados. De outro lado, porém, eles indicam que o número de infectados sem sintomas ou com sintomas leve em circulação é muito mais alto do que se supõe, o que torna provável uma explosão de casos em breve, como indica a figura abaixo, gerada pelo Painel Coronavírus Brasil. O conjunto de fatores comentados acima fundamenta a hipótese de que o Brasil deve se defrontar em breve com um salto que hoje parece quase inimaginável na dimensão do problema. Instituições especializadas trabalham com projeções que estabelecem como cenário mais otimista um número total de 200 mil mortos no país, chegando, num cenário pessimista, a 2 milhões de óbitos."

São João de Meriti	148	16
Magé	75	5
Mesquita	142	11
Nilópolis	54	3
Queimados	47	3
Itaguaí	30	3
Japeri	24	1
Seropédica	9	0
Guapimirim	6	1
Paracambi	18	1
Baixada Fluminense	**1375**	**146**

Fonte: PPGIHD-UFRRJ.

Diante destes dados, é fundamental explicitar o perfil dos infectados, como dos mortos por raça/cor nos boletins divulgados pelos governos federal, estadual e municipal.

CONCLUSÃO

A pandemia no contexto brasileiro, particularmente na Baixada Fluminense, tem explicitado que o racismo se expressa de forma a ocultar o perfil dos infectados e dos mortos pela Covid-19 na nossa sociedade, dificultando a publicização da raça/cor nos boletins divulgados diariamente sobre os infectados e os mortos pela Covid-19, em nível federal, estadual como municipal. Esse ocultamento do perfil dos infectados, faz com que a realidade racial concreta seja analisada de forma limitada, pois oculta o racismo naturalizado na sociedade, ou seja, em nós.

Os dados analisados de forma quali-quantitativa nos permitem compreender que só podemos entender nossa realidade, através de uma análise interdisciplinar, que nos possibilite dialogarmos com várias áreas do conhecimento, revelando o racismo que é ocultado na análise tradicional, com o viés da democracia racial (PAIXÃO, 2003).

A pandemia tem explicitado como vive a população negra e pobre da nossa sociedade. O racismo se expressa pelo abandono do Estado brasileiro em garantir e proteger a vida da população negra, que é a mais atingida pela pandemia da Covid-19. Os dados explicitam o descaso sobre a realidade racial concreta brasileira, vivenciada pela população negra em todos os espaços, no qual uma parte da sociedade fica indiferente.

Infelizmente, esta indiferença em relação a pandemia está ceifando a vida da população negra, devido ao descaso dos governos, federal, estadual e municipal. O genocídio da população negra é um fato, que a pandemia da Covid-19, está explicitando. Concluímos que o racismo tem como consequência o genocídio da população negra. A

pandemia da Covid-19 está sendo utilizada para embranquecer o Brasil, através de um genocídio sem derramamento de sangue. O genocídio só é possível, porque há um consentimento da sociedade, e não se discute a questão de forma explicita. De forma contrária ele é ocultado. O descaso do Estado diante da pandemia, é um genocídio (GOLDHAGEN, 1997).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRASCO. *Pandemia da Covid-19 e um Brasil de desigualdades: populações vulneráveis e o risco de um genocídio relacionado à idade.* Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/gtenvelhecimentoesaudecoletiva/2020/03/31/pandemia-do-covid-19-e-um-brasil-de-desigualdades-populacoes-vulneraveis-e-o-risco-de-um-genocidio-/>. Acesso em 02 abr. 2020.

BADIOU, ALAIN. Sobre a situação epidêmica. In: DAVIS, Mike (Org.). *Coronavírus e a luta de classes*. Terra sem Amos: Brasil, 2020, p. 35-42.

BIHR. Alain. França: Pela socialização do aparato de saúde. In: DAVIS, Mike (Org.). *Coronavírus e a luta de classes*. Terra sem Amos: Brasil, 2020, p. 25-30.

BRASIL. *Ministério da Saúde*. Disponível em: <https://saude.gov.br/>. Acesso em 03 abr. 2020.

BRASIL. *Ministério da Saúde*. Disponível em: <https://saude.gov.br/>. Acesso em 30 mar. 2020.

DAVIS, Mike. *Planeta Favela*. Rio de Janeiro: Boitempo, 2006.

DUQUE DE CAXIAS. *Boletim epidemiológico sobre os números de casos de Coronavírus no município de Duque de Caxias.* Disponível em: <https://duquedecaxias.rj.gov.br/noticia/boletim-prefeitura-de-duque-de-caxias-%E2%80%93-covid-19/2026>. Acesso em: 27 abr. 2020.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Boletim coronavírus (07/04): 89 óbitos e 1.688 casos confirmados no RJ.* Disponível em:<https://coronavirus.rj.gov.br/boletim/boletim-coronavirus-07-04-89-obitos-e-1-688-casos-confirmados-no-rj/>. Acesso em 07 abr. 2020.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Decreto Nº 46.966. De 11 de março de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus, e dá outras providências. *Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro 13 mar. 2020.* Disponível em:<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=390644>.Acesso em: 29 mar. 2020.

EXTRA, Jornal Online. *Necrotério do Hospital Moacyr do Carmo, em Caxias, tem cadáveres acumulados; há corpos até nos corredores.* Disponível em:<https://extra.globo.com/noticias/rio/necroterio-do-hospital-moacyr-do-carmo-em-caxias-tem-cadaveres-acumulados-ha-corpos-ate-nos-corredores-rv1-1-24393826.html?fbclid=IwAR1e2yMKtW5B2xHZM9Q_61QDiJ0Ft6rdDkxmrZIFiGT9glIkg6CMe_jNTiE>. Acesso em: 25abr. 2020.

_____. *Coronavírus: Baixada Fluminense registra 75% de aumento em casos de Covid-19* Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/coronavirus-baixada-fluminense-registra-75-de-

aumento-em-casos-de-covid-19-24354990.html?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=Extra&fbclid=IwAR3Y_zz_TK93ICTDRfGirHoD4nE7b4GI2nXT-0QC339CTrjd3_NtNNyNwUo>. Acesso em: 10 abr. 2020.

_____. *Mais jovem morta por coronavírus no estado, com 32 anos, vendedora de doces de Rio Bonito deixa três filhos.* Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/mais-jovem-morta-por-coronavirus-no-estado-com-32-anos-vendedora-de-doces-de-rio-bonito-html>. Acesso em: 31 mar. 2020.

FARIAS, Heitor Soares de. *A Dispersão da Covid-19 na Baixada Fluminense: um paralelo entre Duque de Caxias e Nova Iguaçu.* Disponível em:<https://www.ppgihd-open-lab.com/post/a-dispers%C3%A3o-da-covid-19-na-baixada-fluminense-um-paralelo-entre-duque-de-caxias-e-nova-igua%C3%A7u?fbclid=IwAR2cA_AAhD7aROGJ0DEhnnqcvvOY49l0LSH-wqHzl3OoxH4ckYUghvg1pKE>. Acesso em: 20 abr. 2020.

FORTES, Alexandre. OLIVEIRA, Leandro Dias de. *Covid-19 na Baixada Fluminense: O tsunami se aproxima.* Disponível em: <http://portal.ufrrj.br/covid-19-na-baixada-fluminense-o-tsunami-se-aproxima/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

GOLDHAGEN, Daniel Jonah. *Os carrascos voluntários de Hitler*: o povo alemão e o holocausto. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HARVEY, DAVID. *Política anticapitalista em tempos de Covid-19. In: DAVIS, Mike (Org.). Coronavírus e a luta de classes*. Terra sem Amos: Brasil, 2020, p.13-23.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Segundo Trimestre de 2019.* Disponível em Disponível em:<https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 16 maio. 2019.

IPEA & FBSP. *Atlas da Violência*. 2018. Rio de Janeiro.

IPEA. *Atlas da Vulnerabilidade Social nos Municípios Brasileiros.* 2015. Brasília: IPEA, 2015.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude:* usos e sentidos. 3 ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.

O DIA, Jornal Online. *Cemitério de Duque de Caxias recebe contêiner frigorífico para armazenar corpos.* Disponível em:<https://odia.ig.com.br/duque-de-caxias/2020/04/5905048-cemiterio-de-duque-de-caxias-recebe-conteiner-frigorifico-para-armazenar-corpos.html?fbclid=IwAR23zOJC9CsVMjk7iYAuwZ9A8OMdl4ezQLlcq5sD4pE3nBjLku_lJqFs29Y#foto=1>. Acesso em: 25abr. 2020.

O GLOBO, Jornal Online G1. *Brasil tem 136 mortes e 4.256 casos confirmados de coronavírus, diz ministério.* Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/29/brasil-tem-136-mortes-e-4256-casos-confirmados-de-coronavirus-diz-ministerio.ghtml>. Acesso em: 29 mar. 2020.

_____. *1 mês de coronavírus no Brasil: compare a situação do país com China, Itália, EUA e Coreia do Sul no mesmo período da epidemia.* Disponível em:<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/26/1-mes-de-coronavirus-no-brasil-compare-a-situacao-do-pais-com-china-italia-eua-e-coreia-do-sul-no-mesmo-periodo-da-epidemia.ghtml>. Acesso em: 26 de mar. 2020.

PAIXÃO, Marcelo. *Desenvolvimento Humano e Relações Raciais.* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PEREIRA, Juliano Gonçalves. RODRIGUES, Mário Fernandes. NUNES, Ana Paula Nogueira. JÚNIOR, Brás da Costa Guimarães. FREITAS, Flávia Dias. FERRAZ, Janine dos Anjos. MARQUES, Samara da Silva. GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. A urgência de outras visões sobre as juventudes negras no Brasil. *Revista da ABPN.* v. 12, n. 31, 2020, p. 317-335.

UFRRJ. *Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades Digitais-PPGIHD.* Disponível em: :<https://www.ppgihd-open lab.com/dados-baixada>. Acesso em: 29 abr. 2020.

UFRRJ. *Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades Digitais-PPGIHD.* Disponível em:<https://www.ppgihd-open lab.com/dados-baixada>. Acesso em: 28 abr. 2020.

VEJA ABRIL. *Covas abertas em cemitério de SP viram destaque no 'Washington Post'.* Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/covas-abertas-em-cemiterio-de-sp-viram-destaque-no-washington-post/>. Acesso em 02 abr. 2020.

ZIZEK, Slavoj. Um golpe como o de "kill Bill" no capitalismo. In: DAVIS, Mike (Org.). *Coronavírus e a luta de classes.* Terra sem Amos: Brasil, 2020, p. 43-47.

Recebido em: 12/05/2020

Aceito em 20/12/2020